



Cultura!



Bendito entre as mulheres

A minha história
com a Laura
Pág. C2

Alma de flor

A prosa poética
de Isabela Zarda
Pág. C2

Inveja dos homens

Estar bonita
é estar feliz
Pág. C3

Tragicômico

O lugar da mulher
na sociedade atual
Pág. C3

‘Vagas para texugo’

Conto de Vanessa Barbara,
vencedora do Prêmio Jabuti
Pág. C6

‘Amor’ e ‘Chuva’

A poesia da escritora
gaúcha Lara Luft
Pág. C6

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

Referência nacional em literatura infanto-juvenil,
a premiada escritora Helena Gomes
concedeu entrevista ao *Cultura!*,
em que falou sobre sua obra,
a família e a carreira literária
Págs. C4 e C5

Um pouco de

Cada arte...

BENDITO SOU EU ENTRE AS MULHERES



O. A. SECATTO
oasecatto@bol.com.br
www.oasecatto.com.br

Minha Laura soltou seu primeiro agudo sopranesco neste mundo às 20h38 do dia 7 de março de 2017. A pediatra deu a volta na mesa cirúrgica e trouxe a Laura até a Bella, que encostou o nariz nela e a beijou. Só então foi que a Laura parou de cantar. Quando a pediatra a tirou da Bella e pediu que eu a acompanhasse, a Laura voltou a cantar. E alto.

No berçário, foi pesada, medida e limpa. Só parou com a ópera quando segurou meu dedo e ouviu minha voz. Ah, não há palavra em língua humana que possa descrever a sensação de pai quando a Laura abriu os olhos pela primeira vez, ali no berçário, segurando meu dedo, olhou para mim e sorriu.

Joelho. Todo recém-nascido tem cara de joelho. A não ser que seja nosso. Nesse caso, com toda a imparcialidade inerente ao homem, vemos todos os traços ancestrais ali manifestados. Talvez seja só impressão minha.

Na verdade, nunca pensei que veria minha orelha e meu nariz em outra pessoa em versão miniatura... Mas deve ser alguma ilusão sugestiva.

A Laura, apesar de se parecer comigo, é linda!

Bendito. Na minha casa minha situação de minoria foi agravada. Se antes eram a Bella e a Khera contra mim, a elas agora somou-se a

Laura. Que tem falado alto. Tanto que é ela que define a hora que saímos e voltamos para casa.

A propósito, para aqueles que se preocuparam com a reação — e o ciúme — da Khera, uma informação: ela agora deita sempre perto da Laura, não de mim. Perdi a preferência. Não sou mais caninamente VIP.

War. Também perdi o banheiro, que agora é da Laura; perdi a poltrona na sala, que agora é da Bella; o um terço de cama que tinha — a Bella ocupava os dois terços restantes — agora passou para apenas um quarto. Meu pequeno território está sendo ocupado. Meu último refúgio continua meu escritório. Não sei até quando.

Musiquinhas. Tem hora que o colo não é suficiente e o balanço não basta. É aí que entram as musiquinhas. Fica a dica.

E eu, nesses poucos dias, já cantei muitas para a Laura: Mozart, Rossini, Beethoven, Bellini, Vivaldi, Puccini, Verdi, Mussórgski, Tchaikóvski. Até Wagner e Orff. (Confesso que estes dois acabaram-na deixando um tanto agitada. Afinal, “Estuans Interius”, da *Carmina Burana*, de Orff, e trechos de baixo-barítono de *Die Walküre*, de Wagner, não são exatamente canções de ninar.)

Além dos solfejos inventados e já perdidos e de outras cujas letras foram adaptadas a cada situação, como: “Tropa de Elite, osso duro de roer! Pega um, pega geral, também vai pegar nenê!”

Nem sempre ela dorme.

Diálogos esparsos. (Peço licença ao Vittorio Cecchinelli para usar a expressão por ele consagrada.) Meu pai para a Laura:

— Ô meu ourinho...

A Khera:

— Mas “meu ourinho” não era eu?

Meu pai:

— Vocês duas, meu ourinho, vocês duas.

*

Eu para a Laura:

— Você é mais delícia do mundo!

A Khera:

— Mas “mais delícia do mundo” não era eu?

Eu:

— Vocês duas, minha delícia, vocês duas.

*

Visita:

— Nossa, ela é a sua cara, Secatto!

Eu:

— Mas, se Deus quiser, quando crescer, ela muda.

Logística de guerra. Trocar de cômodo na casa exige planejamento. Tá tudo aí? Pega isso, pega aquilo, cadê a fralda?, cadê a chupeta?, cadê...?, trouxe a meia?

Isso em ambiente fechado e pretensamente controlado.

Imagine para sair de casa.

Manual. Filho não vem com manual, embora às vezes perguntemos em desespero: “Onde fica o botão que desliga?!” Em verdade, é bem simples. Todo nenê apenas tem três modos (que são cíclicos): “mama”, “dorme” e “chora”. Entre eles, nos intervalos, há os submodos: “cocô” e “xixi” (com todas as combinações possíveis acontecendo a cada meia hora).

No modo “chora”, você quer que ele durma. Então, quando está no modo “dorme”, você tem rompantes de dúvida instintiva seguidos de apavoro: “Será que ele está respirando?!” No final, você sempre perde o sono. Eu, por exemplo, passo o dedo no nariz ou na orelha até ela se mexer no berço. (Tenho certeza de que, após minhas noites mal dormidas, ca-

da bocejo dela no meu colo é uma provocação. Cadê aquele cadelo que falava “bem dormido! bem dormido!” numa hora dessas?)

Fã-clube. Esses dias estava cantando *Nessun Dorma!* no banheiro e, quando saí, minha Bella pediu para que continuasse. Ela estava gravando a reação da Laura, que abria os olhos, franzia a testa e mexia a boca, prestando atenção na ária de Puccini, algo do tipo “Vixe!”. Nem acredito que alguém finalmente me atura cantando. E gosta.

Eu acho.

Quando soubemos da gravidez, iniciamos a providência para receber o fruto do ventre. O quarto que continha minha mobília de solteiro — cama e guarda-roupa — precisava de adaptações. Fizemos a reforma.

Então, pintado, novo em folha, estava vazio. Lá se instalou um eco. Até divertia um pouco para o canto: falseava uma acústica operística. Mas estava vazio. Até ganhou alguns móveis de bebê. Mas estava vazio.

A Laura preencheu o vazio. E acabou com o eco.

Se ela vai cantar ópera comigo? Como dizia minha tia Wilma, só por Deus, só por Deus...



Crônica

MULHER É ALMA DE FLOR

ISABELA ZARDA

“Eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida removendo pedras, e plantando flores.”

Cora Coralina

Flor é amor, insanidade sem fim, flor é beleza natural de um anjo que rubim. Talvez flor seja quem for, tem desde a mais suave a extravagante, vermelho, amarelo, roxo ou azul, são admiráveis e fascinantes. Um são árvores de formosura, enchem os olhos de paixão, outras têm belas pétalas, que formam o mar no chão. Mas tem flor sarcástica, modesta e muito otimista, tem flor independente que diz que o lar é a própria mente, tem flor que pássaro algum rejeita, e logo beija, a flor.

Ela é pura, sem defeito. Só que reconheço, o tempo às vezes não ajuda, ou é muito sol, ou é muita chuva, para essa tão miúda, flor. Jamais deve brincar com ela, flor nenhuma gosta de ser agalma, é mais que insensato, é covardia, machuca a alma.

No começo era ela semente, tão doce, ingênua e inocente. Depois virou botão, ainda delicada, sem saber de nada, se ia crescer ou não. Foi ensinada, educada, seguia as regras, comportada, já se tornara menina flor.

E quando chegou a primavera, essa estação tão bonita, cheia de vida e muito rica, a flor floresce. Cresce para o mundo, se torna mulher. Agora vai conhecer a fundo, quão profundo e bom é o viver.

Ainda vai devagar, não tem ideia de como é fazer parte dessa imensa plateia. Pois nem tudo é jardim, nem tudo é belo e doce, a pequena conheceu o começo, e lamentavelmente viu o fim.

Veio o inverno. O tão temido inverno, que corrói as pétalas, tirando toda a cor;

ele vem sem medo, sem sentimento, já magoa a linda flor.

É difícil a vida dessa menina, ela precisa ocupar seu espaço lá em cima. Tem que crescer e provar que já cresceu, precisa ocupar lugares que já por direito são seus. E para piorar vêm os fungos, tirando toda a sua essência, agindo com impertinência, vão despedaçando essa flor.

Única coisa que a sustenta é o seu jardim sem fim. A flor alegria expele, mas doenças tem a flor da pele. Só que tudo mudou, de um instante para o outro, desabou. Enfrentou a realidade de quem não teve como alcançar a dignidade, como alcançou. Já era tarde chuvosa de verão, quando veio uma mão fria e suja, sem coração, e a arrancou. E tudo foi cortado. Quem diria que esse seria o fim? Sonhava com

um futuro, mas jamais esperava que fosse assim.

*

ISABELA ZARDA, CURSANDO O PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO, É VENCEDORA DO CONCURSO DE REDAÇÃO TV TEM 2016



Palavra



“A vida é uma tarefa que não pode ser dividida com ninguém.”

RACHEL DE QUEIROZ

NASCIDA EM FORTALEZA (CE), EM 1910, A AUTORA DE “O QUINZE”, “AS TRÊS MARIAS” E “MEMORIAL DE MARIA MOURA”, DENTRE OUTROS, MORREU NO RIO DE JANEIRO (RJ), EM 2003

Rachel de Queiroz



Cultura! é uma publicação do jornal O Extra.net, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

EXPEDIENTE
EDITOR: O. A. SECATTO
COLABORADORES: GIL PIVA,
JOÃO LEONEL ZÉ RENATO E
JACQUELINE PAGGIORO
DIAGRAMAÇÃO: ALISSON CARVALHO

Crônica

“A gente se esquece de que a beleza vem de dentro. Impossível não se sentir bonita quando se está feliz”

ELIANA JACOB ALMEIDA

O casamento deles foi um espetáculo, uma superprodução. A decoração de extremo bom gosto, o bufê com pratos deliciosos, docinhos finos e uma banda com ótimos cantores se revezavam numa apresentação impecável. A noiva linda transbordava alegria. No entanto, antes da meia-noite, eu já me sentia muito cansada. A princípio, pensei no dia — era sexta-feira — eu tinha trabalhado à tarde, antes de me preparar para a festa. Naquele momento, em que estava na minha melhor performance — com um lindo vestido bordado, justo e decotado; cabelos presos num coque, cheio de rococós; maquiagem caprichada; uma nova sandália prata — as fotos denunciavam uma expressão completamente derrubada, que me assustou bastante: “Se esse é o meu melhor...” Aos poucos, porém, fui descobrindo o que realmente estava acontecendo. Para ficar elegante no vestido justo, eu usava uma cinta — sim, nós, mulheres, usamos cinta! — que me fazia sentar com uma postura engessada, pouco confortável. Para ter os cabelos arrumados em um penteado descolado, eu tinha saído da escola e ficado umas duas horas sentada — entre a espera e o trabalho da cabeleireira. Minha cabeça pesava bastante com a caixa e meia de grampos que a moça usou para prender o coque. Os cabelos foram tão puxados para trás que dispensavam plástica; eu me sentia meio oriental. Em minha maquiagem foi usado um pó que irritava meus olhos e provocava alergia fazendo meu nariz escorrer sem parar. A sandália comprada na véspera era alta demais para os meus pés já acostumados com calçados baixos; as pontas dos dedos chegavam a formigar. Dois dias antes, eu tinha passado pela tortura de tirar a sobancelha; também fiz as unhas e, na véspera, pintei os cabelos.

Diante disso, pensei: como eu poderia me divertir na hora da festa? Afinal, por



que, para que e para quem fazemos tudo isso? Quem estabelece essas regras todas para nós? Na verdade, a gente se esquece de que a beleza vem de dentro. Se estamos leves, descontraídas e espontâneas, tudo flui com naturalidade. Rimos mais, somos mais autênticas e conseguimos ter mais prazer onde estamos. Impossível não se sentir bonita quando se está feliz.

Olhei para o lado e uma amiga lacrimejava; perdeu a paciência e tirou os cílios pos-

tiços que estavam incomodando. Na mesa ao lado, uma senhora reclamava de dor — tinha feito um cirurgia plástica havia poucos dias. Sua filha, dava para perceber, usava um aplique alongando os cabelos em uns 20 cm. A maioria das mulheres falando em dieta — algumas comiam com culpa; outras passavam pelo sacrifício “de olhar com os olhos e lamber com a testa”.

Ao meu lado, meu marido comia, bebia, conversava e se divertia muito. Usava o

mesmo terno que usa em todas as cerimônias há anos; o mesmo sapato confortável de sempre... que inveja! Tinha tomado um banho, feito a barba e ficaria na festa até a hora do “caldo cura-pinga”, não fosse meu cansaço e minha ignorância.

*
ELIANA JACOB ALMEIDA, PROFESSORA, ESCRITORA E DIRETORA-PROPRIETÁRIA DA ESCOLA EM BOM PORTUGUÊS, É AUTORA DE “ENQUANTO É TEMPO”, “MANUAL DE REDAÇÃO NOTA 1000 PARA O ENEM” E “A FAMÍLIA-MOSAICO DE CAIO E LUÍSA”. ESCRIVE CRÔNICAS PARA JORNAIS E REVISTAS DESDE 2003

Mulher

A COMÉDIA DAS TRAGÉDIAS

JACQUELINE PAGGIORO

Costumo dizer, em tom de piada, que todos aqueles que têm um dia dedicado a comemorações normalmente são os que “se ferram”.

Para quem não entende a brincadeira pergunto logo: “Você já viu comemorarem o Dia dos Homens, dia dos Brancos?”, e por aí vai. E com as mulheres não é diferente. O tom é de brincadeira, mas é realmente sério.

Segundo dados do IBGE, a maioria da população brasileira é composta por mulheres; outro estudo do mesmo instituto revela que em 2015 o rendimento das mulheres equivalia a 76% do dos homens; em 2005 era de 71%; após dez anos essa diferença aumentou somente cinco pontos percentuais. O estudo ainda aponta que quando são cargos de chefia a diferença aumenta.

O IPEA, por meio de pesquisas, divulgou neste mês que, apesar de trabalharem mais e também possuírem uma taxa de escolaridade maior que a dos homens, as mulheres seguem ganhando menos. E ainda divulgou que mais de 90% declarou realizar atividades domésticas, enquanto que a proporção dos homens ficou em torno de 50%. Mapeamento elaborado pela ONU intitulado *Mulheres na política*, também de 2015, apontou que o Brasil ocupa apenas a 124ª posição em um ranking de 188 países em relação à igualdade de gênero e à participação de mulheres na vida pública. Na América Latina, nosso país está à frente apenas do Haiti. Dado irrefutável: em 2016,

mais de 55 anos após a inauguração do Congresso Nacional (1960), é que se construiu um banheiro feminino no plenário do Senado.

A comoção popular diante de acontecimentos graves obriga nossos legisladores a criar leis para combatê-los, mas, geralmente, a celeridade do rigor da criação e da aplicação das leis depende da importância que a mídia dá aos fatos e do poder dos envolvidos.

Ao final dos anos 1980, após o sequestro dos empresários Abílio Diniz e Roberto Medina, forçaram a criação da Lei de Crimes Hediondos, de 1990. A farmacêutica Maria da Penha Fernandes teve que esperar 25 anos até que a Lei 11.340/2006 — e que se popularizou com o seu nome — fosse aprovada. Só que não foi em consequência do “clamor da sociedade”, mas devido à pressão da Comissão Interamericana de Direitos Humanos da ONU, que, em 2001, que fez uma condenação pública acusando o Brasil de “covardemente fechar os olhos à violência contra suas cidadãs”; a pressão deste órgão também foi fundamental para que o marido dela fosse preso antes da prescrição dos crimes.

Portanto, não é de se espantar com o teor (e as gafes) do discurso do sr. Michel Temer em pronunciamento no Palácio do Planalto em evento comemorativo ao Dia Internacional da Mulher. Ao falar da importância das mulheres na economia, o

digníssimo explicou que ninguém melhor que elas para detectar flutuações de preços no supermercado e que com a volta do crescimento econômico retornarão ao mercado de trabalho além de cuidar dos “afazeres domésticos”. E a cereja do bolo ficou por conta do trecho: “Tenho absoluta convicção, até por formação familiar e por estar ao lado da Marcela (*Temer*), do quanto a mulher faz pela casa, pelo lar. Do que faz pelos filhos. E, se a sociedade de alguma maneira vai bem e os filhos crescem, é porque tiveram uma adequada formação em suas casas e, seguramente, isso quem faz não é o homem, é a mulher”.

A grande mídia tupiniquim não deu muita importância ao fato, mas a imprensa internacional criticou. E muito. A CNN destacou as críticas que as mulheres brasileiras fizeram após o discurso: “Presidente brasileiro é criticado ao elogiar as habilidades das mulheres no supermercado”. O espanhol *El Pa-*

ís publicou: “O presidente do Brasil reduz o papel da mulher à casa e ao supermercado”. Na Inglaterra, o *The Independent* classificou a fala de Temer como “sexista” e, na Alemanha, o *Frankfurter Allgemeine* destacou: “Especialistas em trabalho doméstico, crianças, compras (*defendem*): Michel Temer só quis fazer um cumprimento às brasileiras no Dia das Mulheres. Mas a tentativa do presidente brasileiro saiu pela culatra”.

E, como comecei o texto falando de pia-



da, “terminá-lo-ei” citando duas.

O site humorístico *Sensacionalista* não perdeu a oportunidade e publicou o seguinte comentário: “Temer exalta importância da mulher no supermercado e isso não é coisa do Sensacionalista”.

Já o esculhambador-geral da República, Macaco (José) Simão, que afirma que este é o país da piada pronta, publicou: “E continua o bafó do Temer, que disse que a importância da mulher é conferir preços no supermercado. Aí o portal de notícias Metrôpoles lançou o comercial: ‘SUPERMERCADOS TEMER! Confira as ofertas para as belas e recatadas. Bom Bril! Eu não sei o preço, mas a Marcela sabe: 130 cruzeiros. Fraldas descartáveis para o Michelzinho. Eu não sei o preço, mas a Marcela sabe: 250 cruzeiros. Fraldas geriátricas pro seu Michelzão! Eu não sei o preço, mas a Marcela sabe: 300 cruzeiros. Se a concorrência tiver melhores ofertas, cobri-la-emos direito no caixa 2! Supermercados Temer. Belo, recatado e do lar!’ Rarárá!... Nós sofre, mas nós goza! Hoje só amanhã! Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!”. Seria cômico, não fosse trágico!

Capa

Referência nacional em literatura infanto-juvenil, a premiada escritora Helena Gomes concedeu entrevista ao *Cultura!*, em que falou sobre sua obra, a família e a carreira literária

“EU REALMENTE AMO ESCREVER HISTÓRIAS. FAZ PARTE DO QUE SOU COMO SER HUMANO.”

O.A.SECATTO

Helena é um nome forte. E tão forte quanto as Helenas da História e da Literatura é a entrevistada do *Cultura!* especial de março em singela homenagem às mulheres na literatura.

Já antecipo que sou a pessoa mais suspeita do mundo para falar da Helena Gomes: ela é uma das pessoas mais inteligentes, criativas, divertidas e admiráveis que eu já conheci. Além disso, é e sempre será — tento não envergonhá-la — minha madrinha literária, a primeira pessoa com quem tive altas discussões gramaticais — chatice minha, confesso — quando ela revisou meu segundo conto publicado (*Olhos de sangue*, da coletânea *Dias Contados*, da Andross Editora). Em razão desses acalorados debates — todos por e-mail —, precisávamos nos conhecer pessoalmente, o que aconteceu no lançamento da referida coletânea. Surgia aí uma amizade que hoje já tem uma década. Sorte minha.

Nascida em Santos-SP, onde mora até hoje, Helena Gomes, além de escritora, é jornalista, professora universitária, revisora, preparadora de originais, organizadora de coletâneas e, não menos, mãe do Matheus e da Carla e sogra da Geni.

Autora de 41 livros — outros já estão na fila para serem publicados —, foi três vezes finalista no Prêmio Jabuti (*Tristão e Isolda*; *Contos Mouriscos*, em coautoria com Susana Ventura; e *Sangue de Lobo*, este em coautoria com Rosana Rios). Recebeu o Selo Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (*A Donzela Sem Mãos e outros contos populares* e *Pedro e Inês*) e tem títulos adotados em escolas e selecionados por programas de governo.

Em 2015 e 2017, teve obras selecionadas para representar a Literatura Brasileira no catálogo *Selection of Brazilian Writers, Illustrators and Publishers* da FNLIJ para a Feira do Livro Infantil de Bolonha (*Preta, Parda e Pintada*; *As Aventuras de Sargento Verde* e *Histórias Felinas*, este em coautoria com Giulia Moon) e na *Machado de Assis Magazine*, no Salão do Livro de Paris (*Assassinato na Biblioteca*).

Enfim, uma edição inteira não seria suficiente para discorrer sobre toda a importância de sua produção literária.

Por isso é um privilégio poder, finalmente, registrar, na entrevista tão gentilmente concedida, um pouco da vida, da família e da carreira literária de Helena Gomes.

• **Antes de ser escritora, você era jornalista. O que a levou para a produção literária?**

Desde criança, sempre gostei de criar histórias. Às vezes colocava no papel, mas a maioria ficava mesmo na minha cabeça. Isso ocorreu até que a série *Harry Potter* chegou ao Brasil e eu descobri o quanto a autora tinha batalhado para publicar o seu primeiro livro. Pensei: “qual é a minha desculpa para não escrever?”. Daquele ano de 2000 em diante, passei a organizar a minha semana para ter ao menos um dia dedicado à escrita. E não parei mais.



Helena Gomes.
Em casa, com Malu-Biju

• **Desde então, tem sido uma carreira prolífica: são já 41 livros. Qual é a meta? (risos)**

Não há meta, na verdade (risos). As histórias apenas aparecem na minha cabeça e algumas delas acabam virando livros.

• **Durante muito tempo você teve — e ainda tem — que se desdobrar para dar conta de inúmeras tarefas: ser jornalista,**

professora universitária, escritora, revisora, preparadora de originais, organizadora de coletâneas, além de cuidar da casa e dos filhos pequenos. Como é que você consegue? (risos)

Os filhos já cresceram, mas esse desdobramento continua complicado (risos). O importante é fazer o que se gosta e eu realmente amo escrever histórias. Faz parte do que sou como ser humano.

• **Só quem escreve sabe da dificuldade de conseguir ler para o lazer enquanto se está produzindo. O que você tem feito mais: produzido ou consumido literatura?**

Depende da época. Quando tenho prazo para entregar algum original, leitura só a que for relacionada à pesquisa para o desenvolvimento da história. No momento, leio tudo relacionado a D. Pedro II e ao

LIVROS SELECIONADOS PARA REPRESENTAR A LITERATURA BRASILEIRA NO CATÁLOGO “SELECTION OF BRAZILIAN WRITERS, ILLUSTRATORS AND PUBLISHERS” DA FNLIJ PARA A FEIRA DO LIVRO INFANTIL DE BOLONHA (2015 E 2017)



PRETA, PARDA E PINTADA
Autora: Helena Gomes
Editora: Berlendis & Vertecchia
(61 págs.; R\$ 44)



AS AVENTURAS DE SARGENTO VERDE
Autora: Helena Gomes
Editora: Biruta
(110 págs.; R\$ 39,50)



HISTÓRIAS FELINAS
Autoras: Giulia Moon e Helena Gomes
Editora: SESI-SP
(112 págs.; R\$ 48)




ASSASSINATO NA BIBLIOTECA
Autora: Helena Gomes
Editora: Rocco Jovens Leitores
(256 págs.; R\$ 33)



TRISTÃO E ISOLDA

Autora:
Helena Gomes


Editora:
Berlendis
& Vertecchia
(232 págs.; R\$ 43)



SANGUE DE LOBO

Autoras:
Rosana Rios
e Helena Gomes

Editora:
DCL
(416 págs.; R\$ 46,90)



CONTOS MOURISCOS

Autoras:
Susana Ventura
e Helena Gomes

Editora:
Callis
(128 págs.; R\$ 29)

**LIVROS
FINALISTAS
DO
PRÊMIO
JABUTI**



Brasil do século XIX em função de um livro que estou escrevendo. Assim que passar essa fase, posso me dedicar a outras leituras mais voltadas ao lazer. Já tem uma pilha de livros à minha espera ao lado do notebook...

• **Há uma frase atribuída a Tolstói que diz “canta tua aldeia e serás universal”. Tem um pouco disso no fato de Santos estar presente em grande parte de seus livros?**

Sem dúvida. Gosto de colocar tramas em cenários brasileiros, ainda mais quando temos aqui tantas paisagens e até fatos históricos que a maioria desconhece. Nada contra usar Nova Iorque, por exemplo. A questão é: de novo Nova Iorque?

• **Você já organizou várias coletâneas de escritores iniciantes. Qual a importância de se dar essa oportunidade para novos nomes?**

É a questão da continuidade, de sermos mentores para os mais novos. Depois, será a vez desse pessoal passar todo o conhecimento e a própria experiência para a geração seguinte. Nós ficamos em algum momento do caminho, mas a vida segue em frente, não é mesmo?

• **Há muito escritor que reclama das alterações provenientes da sua revisão? (risos)**

São sugestões, na maioria das vezes. Alterações mesmo só quando não dá para escapar das normas gramaticais, do bom senso e/ou de outra situação mais extrema. Também sou autora e convivo com revisores, editores e alterações quando um livro meu entra em produção na editora. A verdade é que aprendemos muito e, como todo aprendizado, é importante estar aberto a ele.

• **Como funciona a preparação de originais? Tem muito best-seller que precisa de preparação antes de ser publicado?**

Cada caso é um caso. Há de tudo, desde ghost-writers e editores que reescrevem o livro inteiro a escritores muito talentosos, com textos belíssimos. Mas mesmo esses jamais serão perfeitos e “imexíveis”. A preparação é necessária por fornecer um novo olhar sobre a obra, uma interpretação fora da esfera do autor e, melhor, para mostrar possibilidades que nem sempre ele enxerga sozinho.

• **Você tem vários livros nos quais divide a autoria com outras escritoras. Como é escrever em parceria?**

Não envolve apenas criação em conjunto, mas também divisão de tarefas e muita organização entre os escritores para que o livro fique redondinho. O resultado costuma trazer o melhor de dois mundos, pois une estilos diferentes e formas diversas de se enxergar a ficção e a própria realidade.

• **Algum escritor parceiro já enrolou você mais do que eu tenho enrolado? (risos)**

Já (risos). Mas sempre é possível renegociar prazos e combinados. Exceto, claro, se o outro lado não se dispõe a isso. Nesses casos, a parceria não vai sobreviver muito mais.

• **Grande parte de sua obra é permeada por algum elemento fantástico (veja as obras abaixo). Histórias como as de J. R. R. Tolkien (“O Senhor dos Anéis” e “O Hobbit”) e J. K. Rowling (a saga de “Harry Potter”), principalmente, ganharam adaptações para o cinema e deram enorme visibilidade à fantasia (ficção fantástica), que tanto é maltratada pela “crítica”. Parecem ter mostrado que o gênero tem conteúdo, qualidade, aceitação e público. Ainda é preciso defender a fantasia na literatura?**

Não tanto quanto no passado. Hoje há um público muito mais interessado nesse segmento, justamente porque existem as obras que você citou e que abriram espaços amplos para novas oportunidades.

• **E no Brasil, como está a ficção fantástica?**

Sinceramente, não sei. Como estou me dedicando mais à literatura infanto-juvenil, em que a fantasia pode naturalmente se misturar à realidade nas histórias, não tenho acompanhado a literatura fantástica em si. Sei que de vez em quando um ou outro autor brasileiro desse gênero lança algum título, porém os mais presentes na mídia são os lançamentos de escritores estrangeiros. Da minha parte, tenho um único livro inédito de literatura fantástica ainda em busca de editora. Mas, como todo o mercado editorial está andando bem devagar em função da crise econômica no país, não dá para saber se é culpa da desvalorização da ficção fantástica brasileira ou apenas da falta de dinheiro para se publicar novos títulos.

• **É para poucos o privilégio de ser três vezes finalista do Prêmio Jabuti — 2011, com “Tristão e Isolda” (Berlendis); 2011, com “Sangue de Lobo” (DCL); e 2016, com “Contos Mouriscos” (Callis) —. Qual a sensação?**

É uma sensação gostosa de dever cumprido, um reconhecimento em meio a tanta luta e resistência para ser um escritor em um país onde se lê tão pouco, que raramente valoriza um livro e o próprio conhecimento.

• **Na sua opinião, qual o verdadeiro papel da mulher na literatura? Ela já conquistou seu lugar de direito?**

E qual seria o verdadeiro papel do homem na literatura? Escritores e escritoras têm muito a contribuir, cada um com seu esti-

Homens devem ser parceiros e, como as mulheres, ensinados desde criança a respeitar as diferenças. É a união que ganha



lo e modos de ser e existir. E qual seria o lugar de direito da mulher? O direito dela não deveria ser igual ao do homem? Juntos, em pé de igualdade? Há machismo em todas as áreas, tanto da parte de homens quanto de mulheres, pois mudanças de mentalidade são processos longos e desgastantes. O bom é que existem e estão em andamento, o que beneficiará as gerações futuras como nós fomos beneficiados por outras lutas por

direitos humanos que ocorreram em séculos anteriores.

• **Quais os projetos para 2017?**

Espero que finalmente o nosso livro de

contos seja lançado! A espera está sendo longa, eu sei, mas, segundo a editora, deste ano não passa. Além dele, tenho outro em parceria, escrito com a Geni Souza. É o infantil *Princesas, bruxas e uma sardinha na brasa* – *Contos de fadas para pensar sobre o papel da mulher*, que será lançado agora em abril. Se tudo der certo, haverá mais dois livros: uma movimentada aventura juvenil e outro também com contos de fadas.

• **Neste mês de março, que recado você deixa para as mulheres que enfrentam jornadas duplas, triplas, quádruplas?**

Que resistam, lutem por seus direitos e, principalmente, não se deixem levar pela polarização mulheres x homens. Homens devem ser parceiros e, como as mulheres, ensinados desde criança a respeitar as diferenças. Para mim, sempre será a soma mulheres + homens. É a união que ganha.

Sessão de autógrafos.
No lançamento do livro ‘Lobo Alpha’, em 2006

Encontro.
Em 2009, no lançamento da coletânea ‘Dias Contados’, comigo e minha Bella esposa



Jabuti (1).
Com a escritora Rosana Rios (parceria no livro ‘Sangue de Lobo’) na Bienal do Livro, em 2014

Jabuti (2).
Com a escritora Susana Ventura (parceria no livro ‘Contos Mouriscos’), em 2014




LIVROS COM SELO ALTAMENTE RECOMENDÁVEL DA FNLIJ (FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL)



A DONZELA SEM MÃOS E OUTROS CONTOS POPULARES

Autora:
Helena Gomes

Editora:
Escrita Fina
(112 págs.; R\$ 37,80)




PEDRO E INÊS

Autora:
Helena Gomes

Editora:
Escrita Fina
(236 págs.; R\$ 40,50)

E-BOOK GRATUITO PARA DOWNLOAD




A CANÇÃO DE MONALISA

Autora:
Helena Gomes

Editora:
Biruta
(170 págs.; e-book gratuito)

LANÇAMENTO PARA O MÊS DE ABRIL DE 2017



PRINCESAS, BRUXAS E UMA SARDINHA NA BRASA

Autoras:
Helena Gomes e Geni Souza

Editora:
Biruta
(lançamento em abril)

Conto

Para privilégio desta edição, que comemora o mês da mulher e o papel desta também na literatura, o *Cultura!* publica com exclusividade este divertido conto da premiada escritora Vanessa Barbara



VAGAS PARA TEXUGO



VANESSA BARBARA

Nunca consegui levar o rato ao queijo. Não passava da primeira fase do Enduro e arrumava doença no dia de colar lentilhas no casco da tartaruga. Se minhas notas em comportamento sempre foram boas e as de higiene alcançavam o razoável — quando eu cortava as unhas —, repeti três semestres em coordenação motora.

Sou aquela que hasteia bandeiras puxando a corda para o lado errado e honra o lábaro virada de costas. Até hoje não consigo usar uma tesoura sem perder o tampo de alguns dedos e arruinar o papel. (Alicate de unha, nem se fala.) Outro dia me perdi no Guia de Ruas entre o B5 e o D7, fui parar numa represa e nunca mais voltei. Por isso, quando o zoológico de São Paulo abriu 216 vagas — salários chegam a R\$ 2.204 —, candidatei-me a texugo.

Meus amigos preferiram concorrer para zebra (embora fosse obrigatório o uso de sunga), ariranha, leão-marinho e boto. Eu nunca passaria nos testes práticos, então marquei Opção Um: texugo diurno, Opção Dois: texugo integral. Para ocupar a jaula do texugo, diz-se, não é preciso ser bom em oratória, demonstrar desenvoltura na dança ou saber pegar fruta-pão com o rabo. Aliás, a vaga de texugo praticamente impõe uma condição: a falta de habilidade em todos os ramos da vida prática.

Estava no edital: “Selecionaremos amadores em todas as áreas do conhecimento humano. A vaga consiste em não fazer nada em período integral, ou fazer tudo errado (quatro horas por dia). Os candidatos a texugo terão que comprovar incompetência absoluta

nas áreas mais importantes da vida prática: pedicure, costura, salvamento de fogo, oratória e lógica elementar I e II. Responderão a um questionário falso/verdadeiro e farão um teste psicotécnico junto a palhaços de uma empresa especializada. Devem comparecer ao endereço deste edital munidos de currículo e uma piada de sua autoria. (Sugestão: O porquinho tinha uma perna só, foi se coçar e caiu.)”.

Concorri à vaga com um sujeito que tinha fobia de leite, outro que não sabia ficar de cócoras e uma menina que se desequilibrava ao espirrar. Me saí muito mal nas provas de assovio, de encher bexigas e de aplaudir em geral, o que foi ótimo para a minha candidatura, mas acabei conseguindo distinguir a esquerda da direita, triste fato que me diferenciou dos demais concorrentes.

Foi quando me lembrei daquilo que é uma de minhas maiores qualidades: cair. Não importa sob que circunstâncias, se estou parada ou tentando beber água, se estou com soluço ou sentada, eu sempre acabo caindo. Também costumo pisar no meu próprio pé quando danço, o que é invejável, eu sei, mas nada supera o hábito de cair sem motivo. Com isso, estou de volta à competição. Torçam por mim.

Eu já fugi de uma ovelha num campo de futebol, enquanto o resto do time aguardava o término do meu ataque de histeria. Quando pequeno, era atropelado por pneus com certa frequência, naquelas brincadeiras de rolar objetos cilíndricos ladeira abaixo. Eu não sei

o que é um cilindro e perdi o compasso nos primeiros dias de aula.

Lembro dos meninos menores de braços cruzados no campo, alguns se sentaram, e eu fugia em círculos de uma ovelha furiosa que balia atrás de mim, sim, furiosa, eu podia ver a maldade nos olhos da lanígera. Lembro do centroavante abaixando o meião e do goleiro tirando um cubo mágico das calças. Lembro do juiz deitado de barriga pra baixo tentando não morrer de rir e dos olhos da ovelha cravados em mim, as batatas das patas tremelizando conforme ela ganhava terreno em minha direção. Alguns dos jogadores já haviam comprado guaranás em lata quando a ovelha finalmente me derrubou, na meia-lua do campo adversário — segundo testemunhas, me deu umas lambidas. Cansou do meu gosto de medo e foi comer umas gramas. Eu não me lembro de nada. Fui direto para o pronto-socorro aonde me levaram quando fui atropelado por um pneu.

Minha mãe apareceu na sala de emergência arrastando os pés, assinou os papéis da minha internação sem olhar e perguntou para o médico o que tinha sido daquela vez. Seu filho fez cocô no quimono, respondeu o instrutor de judô, por isso eu desisti de todos os esportes. Do boliche sobretudo, porque fiz um *strike* com a minha própria cabeça, antes de ser guillotinado pelo recolhedor de pinos.

Alice gostava de girar em torno do próprio eixo até ficar muito tonta e entrar num vórtice temporal laranja. Alice Pai a puxava pelo pé e a rodava, rodava, rodava enquanto Alice

Mãe gritava lá da churrasqueira: mas ela vai vomitaaaaar. Alice acampava três vezes por ano e ficava muito assustada quando Alonso comia oito bananas na hora da sobremesa e girava até ficar muito tonto e vomitar o vórtice laranja da equipe deles, ou alguma coisa azul que tinham comido no almoço.

Alice só estava autorizada a fazer o suco e a salada na cozinha dos acampamentos, para não se machucar, matar, derreter coisas caras, derrubar, derramar, esbarrar, enganchar, enfim, destruir em geral, então ela mexia a colher na jarra até ficar muito tonta e virar um liquidificador de oito velocidades, quatro vitaminas e ferro. O grito da equipe de Alice fora feito por ela e consistia basicamente em rodar e cair.

Os adultos tentavam argumentar que aquilo não era um grito, vejam como estão em fila os meninos grandes, mas os amigos de Alice tinham curtido e não paravam de brincar de pião com os braços abertos. Quando perdia o eixo e se estatelava no chão, Alice pensava que se tivesse conseguido rodar mais um pouco viraria suco ou cairia nos braços do Alonso, que ainda não tinha parado de se entupir de bananas e estava redondamente apaixonado.

*
VANESSA BARBARA, AUTORA DE “NOITES DE ALFACE” E “OPERAÇÃO IMPENSÁVEL”, DENTRE OUTROS, É JORNALISTA, ESCRITORA E TRADUTORA, VENCEDORA DO PRÊMIO JABUTI. É COLUNISTA DO “NEW YORK TIMES”, TENDO ASSINADO COLUNAS DA “FOLHA DE S. PAULO” E DE “O ESTADO DE S. PAULO”



Poesia

LARALUFT

AMOR

És letra azul
Sou palavra amarela
Formamos verbo verde

És palavra amarela
Sou verso vermelho
Formamos estrofe laranja

És livre vermelho



Sou sem forma azul
Formamos poema violeta

Somos antologia preta e branca

CHUVA

Se te sinto com cheiro dos clichês da vida
É porque me revivo na infância

Se te vi embaçada nos olhos
É porque me vi por meio de olhos humanos

Se te cheiro saudade repentina
É porque fui e quero voltar

Agora
É hora de voltar
ao começo

Poças de lama...

*
LARA LUFT, PATRONESSE DA 10ª FEIRA DO LIVRO DE SANTA ROSA (RS), É ESCRITORA

